

D. Álvaro del Portillo, fiel sucessor de S. Josemaria

Publicamos a tradução do discurso inaugural, pronunciado pelo Prelado do Opus Dei, por ocasião do Congresso do Centenário do nascimento de D. Álvaro del Portillo, em 12 de março passado.

31/05/2014

A virtude da fidelidade, fruto da caridade e da justiça, aos olhos das

pessoas retas apresenta-se revestida de grande dignidade, pois é uma participação da fidelidade de Deus, que na Sagrada Escritura se define a si mesmo como *o Deus Fiel*: *n'Ele não há nenhuma deslealdade; Justo e Reto: assim é Ele* (*Dt 32,4*). E São Paulo afirma vigorosamente: *fidelis autem Dominus est, qui confirmabit vos* (*2 Tes 3,3*). E deseja que as suas perfeições, todas, brilhem nos santos e naqueles que deveras se empenham em alcançar a meta de união com a Trindade. São Tomás de Aquino, a propósito da Paixão de Cristo, interroga-se acerca da conveniência de ter seguido este caminho, e argumenta que esta conveniência é dupla: em primeiro lugar, para remediar o mal em que homem tinha incorrido; em segundo lugar, e não com menor utilidade, para nos servir de exemplo, já que nenhum modelo de virtude está longe da Cruz[1].

A fidelidade dos santos conduz ao aniquilamento que vence o mal e dá-lhes fortaleza para seguirem o exemplo do Mestre, que, com alegria infinita, como infinita foi a sua dor, se entrega por nós. É certo que a fidelidade exige renúncia, mas traz consigo a felicidade da intimidade com Aquele que nos salvou e nos mostrou o caminho que devemos seguir.

Penso que por esta senda decorreu a existência do próximo Beato Álvaro del Portillo, meu veneradíssimo predecessor na condução do Opus Dei. Ontem, precisamente, completaram-se cem anos do dia do seu nascimento. O coração de muitíssimas pessoas no mundo inteiro eleva-se, cheio de agradecimento, a Deus de quem procedem todos os bens, pela ajuda recebida deste servo bom e fiel. Esta gratidão contém, ao mesmo tempo, uma súplica fervorosa à nossa Mãe

do Céu, e o recurso à intercessão de São Josemaria, para que nós – e todas as pessoas que se alimentam do espírito do Opus Dei – saibamos caminhar, dia após dia, pela via da santidade anunciada por São Josemaria e seguida integralmente por D. Álvaro del Portillo. Uma senda de fidelidade percorrida com serena alegria.

As comunicações deste Simpósio analisarão vários aspectos da figura do meu predecessor e da sua influência na vida da Igreja, antes e depois do Concílio Vaticano II. Por isso, centro a minha intervenção no lema escolhido pelo Congresso: *vir fidelis multum laudabitur* (*Prov 28, 20*): o varão fiel será muito louvado. Neste sentido se pronunciou o Decreto sobre as virtudes heroicas do venerável Álvaro del Portillo, emanado da Congregação das Causas dos Santos: «Estas palavras da Escritura manifestam a virtude mais

característica do Bispo Álvaro del Portillo: a fidelidade. Fidelidade indiscutível, sobretudo a Deus no cumprimento pronto e generoso da sua vontade, fidelidade à Igreja e ao Papa, fidelidade ao sacerdócio, fidelidade à vocação cristã em cada momento e em cada circunstância da sua vida»[2].

Esta frase da Escritura foi escolhida por São Josemaria para ser gravada no dintel da porta do escritório onde D. Álvaro trabalhou durante cinquenta anos; primeiro como Secretário Geral do Opus Dei até ao momento do trânsito de São Josemaria para o Céu, depois como Presidente Geral e mais tarde Prelado até ao seu último dia nesta terra, o dia 23 de março de 1994. Seguindo o costume do Fundador, também D. Álvaro trabalhava, habitualmente, no escritório do Vigário Geral. Era – e continua a ser – um modo de sublinhar a

colegialidade, característica essencial do governo no Opus Dei. Para nós, os que residimos na sede central da Prelazia, estas palavras são uma lembrança contínua do nosso serviço à Igreja, à Obra e às almas: esquecermo-nos totalmente de nós próprios, com uma fidelidade extrema ao espírito recebido de São Josemaria e com uma dedicação total ao trabalho que o Senhor confia a cada um.

A este propósito parece-me oportuno citar um parágrafo de uma carta escrita por São Josemaria em maio de 1962, quando D. Álvaro estava hospitalizado. «Rezai, dizia, porque se entre vós há muitos meus filhos heroicos, e muitos que são santos de altar – não abuso nunca destas qualificações –, Álvaro é um modelo, e o filho que mais trabalhou e mais sofreu pela Obra, e o que melhor assumiu o meu espírito. Rezai.»[3]

Anos mais tarde, em 1973, por ocasião do aniversário natalício de D. Álvaro, aproveitando que o interessado não estava presente, fez este comentário: «Tem a fidelidade que vós deveis ter sempre, soube sacrificar todos os assuntos pessoais com um sorriso (...). E se me perguntais: foi heroico nalguma ocasião? Responder-vos-ei: sim, muitas vezes foi heroico, muitas, com um heroísmo que parecia coisa normal.» [4]

«Quereria que o imitásseis em muitas coisas, mas sobretudo na lealdade. Ao longo destes anos todos da sua vocação, apareceram muitas ocasiões – humanamente falando – de se irritar, de se impacientar, de ser desleal; e teve sempre um sorriso e uma fidelidade incomparáveis. Por motivos sobrenaturais, não por virtude humana. Seria muito bom que o imitásseis nisto [5]».

Em março de 1994, na homilia da Missa pelo eterno descanso da alma de D. Álvaro, proferi umas palavras que, ao cabo de vinte anos, me parecem de grande atualidade.

«Quando se escrever a sua biografia, entre outros aspectos relevantes da sua personalidade sobrenatural e humana, deverá ocupar lugar destacado o seguinte: o primeiro sucessor do Beato Josemaria Escrivá foi – no governo do Opus Dei – antes de mais e sobre tudo – um cristão leal, um filho fidelíssimo da Igreja e do Fundador, um Pastor completamente entregue a todas as almas e de modo particular ao seu *pusillus grex*, à porção do povo de Deus que o Senhor confiou aos seus cuidados pastorais, em estreita comunhão com o Romano Pontífice e com todos os seus irmãos no Episcopado. E tudo com esquecimento absoluto de si mesmo, numa entrega feliz e alegre, com

caridade pastoral vibrante e vigilante» [6].

Durante a primeira Missa celebrada pelo servo de Deus depois da sua ordenação episcopal, no dia 7 de janeiro de 1991, ao terminar a homilia acrescentou umas palavras que manifestam claramente esta sua aspiração. Lembrando São Josemaria e a ordenação dos três primeiros sacerdotes da Obra, em 1944, disse: *o nosso Padre repetia naquela ocasião e sempre: oração, oração, oração; e eu recordando-o, insistia: fidelidade, fidelidade, fidelidade, quando estava prostrado no pavimento da Basílica de São Pedro. Que sejamos fieis: vale a pena! A única coisa que vale a pena é ter uma vida coerente desde que dissemos que sim a Nossa Senhor. Decidamo-nos a ser fiéis! Que se note!* [7]

1. Fidelidade constantemente renovada

O Papa João Paulo II, cuja próxima canonização já estamos a saborear, afirmava que só se pode falar de verdadeira fidelidade quando se superou a prova mais exigente: a passagem do tempo, porque pode desgastar as melhores intenções. «É fácil ser coerente durante um dia ou alguns dias. Difícil e importante é ser coerente durante toda a vida. É fácil ser coerente num momento de exaltação, difícil é sê-lo à hora da tribulação. E só se pode chamar fidelidade a uma coerência que dura a vida inteira»[8]. Estas palavras tiveram o seu pleno cumprimento em D. Álvaro del Portillo. Ao longo da sua longa existência – exultante de alegria por se saber filho de Deus – a sua fidelidade foi-se apurando com a passagem do tempo. Já nos anos de infância e de adolescência cultivou no lar paterno – entre outras virtudes – a lealdade, base humana da fidelidade. Educado pelos pais numa sólida vida de piedade cristã,

aprendeu a ser coerente com os compromissos batismais; enquanto foi adquirindo na alma um forte sentido de proximidade, sem fissuras, para com os pais, irmãos, amigos e companheiros de estudos, e com qualquer pessoa com que se tivesse relacionado.

Os pais de D. Álvaro, D. Ramón e D. Clementina, fomentaram o crescimento da personalidade dos filhos, respeitando os seus caracteres e ensinando-os a administrar prudentemente a liberdade. Sempre lhes mostraram uma confiança, a tal ponto que, por exemplo, não viam dificuldades em que se deslocassem para outros lugares, mesmo para fora de Espanha, por motivos de estudo, o que era, verdadeiramente, pouco frequente naquela época. Empenharam-se em que os filhos recebessem uma autêntica formação cristã, em primeiro lugar, no seio da família, para que fosse depois o

ponto de referência para superarem bem as dificuldades da vida, e souberam fazer-se verdadeiramente amigos de cada um. D. Álvaro recordava sempre, com alegria e agradecimento, as conversas que o pai tinha tido com ele.

A mãe, após o falecimento do marido, em plena guerra civil espanhola, soube enfrentar com generosidade e fortaleza os problemas que iam surgindo. O seu caráter tinha-se fortalecido graças à proximidade espiritual com São Josemaria desde que o conheceu pelos contatos com os membros da sua família. Como boa mãe, sentia-se motivada também pelo afeto profundo e cheio de atenção para com o seu filho Álvaro, não diferente do que tinha pelos outros filhos, mas especial, já que encontrava nele uma atitude mais responsável e uma maior sensibilidade para com os

problemas familiares, para os quais se manifestava sempre disponível.

O sentido de responsabilidade de Álvaro – pouco corrente num jovem da sua idade – manifestou-se, por exemplo, perante as dificuldades econômicas que a família teve que enfrentar. Ao terminar a escola secundária, motivado pela sua lealdade, decidiu realizar um curso intermediário que lhe permitisse ajudar, quanto antes, na sustentação da família. Por isso, matriculou-se na Escola de Agentes Técnicos de Obras Públicas, já que era um curso mais breve que o de engenharia civil que considerava a sua verdadeira vocação profissional. Não se importou de sacrificar as suas preferências pessoais, pois pensava que, com o seu ordenado profissional, poderia financiar os estudos de engenharia civil, como veio a acontecer, para não ser pesado à família.

Em casa aprendeu a exercitar-se na compreensão, o que não lhe foi difícil dado o seu caráter bondoso. Com magnanimidade, soube amoldar-se às pessoas com quem tratava, sem julgar precipitadamente ou com parcialidade o comportamento de ninguém, menos ainda se não conhecia em pormenor, as circunstâncias do ambiente. Ao mesmo tempo, mostrou-se sempre intransigente quando era necessário, sem se importar com as críticas de outros, se a justiça e a caridade estavam em jogo. Não lhe custava retificar quando lhe faziam notar que se tinha enganado, ou quando ele mesmo percebia o seu erro. Por isso, a convivência com ele era sempre muito agradável, e assim aconteceu ao longo da sua passagem pela terra. Sendo já adolescente, preocupava-se, com carinho, pelos seus irmãos mais novos. Todos recordavam pormenores que tivera com eles, pois não regateava o tempo

nem o esforço para os ajudar ou ensinar o que fosse necessário. Vivia santamente orgulhoso de toda a família e comportava-se, de modo análogo, com as pessoas de quem era amigo, ou que mal conhecia. Em resumo, já desde muito novo, Álvaro viveu a amizade – entendida como um autêntico serviço – de modo agradável, apesar de certa timidez que aflorava quando tinha que intervir em público. Cativava porque a sua simplicidade encantava, e notava-se no seu comportamento uma magnanimidade que facilitava a amizade.

Durante a juventude, ao mesmo tempo que amadurecia no seu trato pessoal com Deus, começou a ocupar-se, com grande carinho, das pessoas mais necessitadas. Sofria com a situação de indigência que encontrou nalguns ambientes; concretamente, a miséria em que vivia muita gente nos subúrbios de Madri. Por isso, por

motivo inteiramente cristão em que se notava claramente a sua preocupação pelo próximo, participou frequentemente em visitas a pobres e doentes, com a intenção de dedicar tempo à formação espiritual e humana de muitos e aliviar a sua miséria moral e material. Apoiado na ampla base das suas virtudes humanas e da sua vida de fé, o Senhor foi-o preparando para o encontro com o Fundador do Opus Dei em 1935.

2. O encontro com São Josemaria

Um dos amigos com quem D. Álvaro visitava os doentes dos hospitais de Madri, conhecia o padre Josemaria Escrivá e falou-lhe deste sacerdote com entusiasmo. D. Álvaro pediu-lhe que lho apresentasse, e assim, em março de 1935 foi pela primeira vez à residência DYÁ, situada na Rua de Ferraz, em Madri. Foi, porém, um encontro breve porque o sacerdote

tinha uns compromissos que não podia protelar. Combinaram novo encontro com dia e hora marcados.

Por diversos motivos aquele encontro não se realizou. Entretanto, D. Álvaro já trabalhava profissionalmente como Agente Técnico de obras públicas, sem abandonar o plano de estudos na Escola de Engenharia Civil, onde obtinha muito boas classificações. Ao chegar o Verão, antes de ir veranear com a sua família em La Granja (Segóvia), pensou que deveria despedir-se daquele sacerdote que desde o primeiro e único encontro, lhe tinha mostrado tanta simpatia, deixando na sua alma uma profunda impressão. Anos mais tarde, quando se referia a esta decisão, não encontrava outra explicação que a ação da graça; costumava afirmar que, recordando a cordialidade de São Josemaria, lhe pareceu absolutamente normal passar pela

Residência de Ferraz antes de ir para férias.

Para lá se dirigiu, sem ter um encontro marcado, no dia 6 de julho de 1935. D. Josemaria recebeu-o com a sua típica cordialidade sacerdotal e humana. Falaram longamente, tratando em conversa profunda e espiritual de vários temas: o trabalho, a família, os estudos, etc. Ao terminarem, o sacerdote convidou-o a assistir ao recolhimento espiritual no dia seguinte na residência universitária. Este convite cordial, que manifestava um sincero interesse pela sua pessoa, apanhou-o de surpresa, pois nunca tinha participado numa atividade espiritual semelhante, ainda que – como já recordei – tinha recebido uma educada educação cristã na família e tinha realizado os estudos secundários num colégio dirigido por religiosos. Sempre considerou que, pelo seu caráter um pouco tímido, e

sobretudo pela afabilidade de São Josemaria, não soube responder negativamente e comprometeu-se a assistir. Despediu-se muito contente depois daquela conversa, e sem nenhum inconveniente, com plena liberdade, modificou os seus planos imediatos de férias. Esta decisão não deve ter estranhado a família, ou porque conheciam os seus compromissos profissionais que às vezes implicavam mudanças imprevistas de programa, ou pela séria personalidade de Álvaro, de quem conheciam a sua maturidade e sentido de responsabilidade.

O que aconteceu naquele dia 7 de julho de 1935 foi narrado com pormenor nas biografias de D. Álvaro já publicadas [9]. Nessa mesma manhã, depois de assistir à primeira meditação de São Josemaria, um dos presentes falou-lhe da possibilidade de entregar a vida a Deus no Opus Dei, sem

abandonar o trabalho profissional, e a resposta afirmativa de Álvaro foi imediata. Anos mais tarde, contou isto mesmo nalgumas ocasiões, perante a insistência de alguns filhos seus.

Fui ao recolhimento, ouvi uma meditação e depois da meditação falaram-me da beleza de seguir a Deus. E eu, com a graça de Deus, disse: aqui estou, e já não fui veranear. Fiquei em Madri a trabalhar e a receber formação do espírito da Obra. O nosso Padre que estava muito cansado – era no fim do ano escolástico, tinha trabalhado muito e tinha estado doente – no entanto começou um curso de formação só para mim [10].

Desde o primeiro momento, sentiu que se tinha verificado uma mudança na sua alma e também na sua personalidade. A partir daquele dia 7 de julho, sentia – ele, que se

considerava tímido – a necessidade imperiosa de falar mais com os outros e de conhecer muitas pessoas para as ajudar a descobrirem a fortuna de serem filhos de Deus. Por isso, sem respeitos humanos, convidava estudantes e conhecidos para participarem em meios de formação espiritual.

Algum tempo depois, estando fora de Madri por uma viagem relacionada com os estudos de engenharia, escreveu uma carta ao Fundador da Obra em que, entre outras coisas, lhe dizia "passou-me o entusiasmo". São Josemaria utilizou esta frase na composição dum ponto do livro *Caminho*: “‘Passou-me o entusiasmo’, escreveste-me.- Tu não deves trabalhar por entusiasmo, mas por Amor; com consciência do dever, que é abnegação.” [11].

D. Álvaro comentava que, quando pôde falar com o Fundador do Opus

Dei esclareceu que não se tinha exprimido assim por se achar em momentos de desânimo ou de desorientação, mas só para explicar que lhe faltava o entusiasmo externo que até então tinha experimentado intensamente. Juntava que São Josemaria lhe tinha respondido: "Entendo, mas parece-me que o que escrevi não está a mais e que é bom para todos nós". Considero que este episódio do livro *Caminho* – que fez e continua a fazer muito bem às almas – corresponde a uma experiência cristã vivida, da vida real, não é uma mera teoria. É, ao mesmo tempo, uma confirmação do que exprimia Bento XVI numa ocasião: «A escola da fé não é uma marcha triunfal, mas um caminho salpicado de sofrimentos e de amor, de provações e de fidelidade que é necessário renovar todos os dias»[12].

À medida que decorria o tempo, Álvaro via a necessidade – a ânsia

santa – de se formar mais e melhor para corresponder aos dons que tinha recebido e recebia de Deus. Poucos meses depois daquele julho de 1935, São Josemaria começou a apoiar-se neste estudante para a direção e o apostolado com as pessoas que já levavam mais tempo formando parte da Obra, ainda que, logicamente, o peso recaía sobre o Fundador. A todos os que ouviam a Álvaro, tornava-se patente que, com a sua ânsia de se formar para servir melhor, absorvia o espírito de São Josemaria com uma fidelidade que ressaltava a olhos vistos. Ninguém se surpreendeu quando D. Josemaria, ao ausentar-se de Madri por algum motivo, confiava a Álvaro o encargo de dirigir os meios de formação espiritual e apostólica dos jovens que participavam no trabalho da Residência.

Depois de terminar a guerra civil espanhola em 1939, a expansão

apostólica do Opus Dei cresceu consideravelmente. O Fundador já não podia atender a direção espiritual de todos os fiéis da Obra, como fazia habitualmente, e quis apoiar-se nos seus filhos mais velhos. Álvaro foi o primeiro a colaborar na direção espiritual dos mais novos. São Josemaria insistiu em que realizasse este encargo com grande responsabilidade porque os outros iriam recorrer a ele com a mesma confiança que punham nas mãos do Fundador.

Não poucas vezes ouvi D. Álvaro comentar, anos depois, que antes de começar cada uma destas conversas de direção espiritual se encomendava ao Espírito Santo para atender aquelas pessoas com a maior delicadeza possível, e acrescentava que, para cumprir com a maior delicadeza esta tarefa, aconselhava, cada um, em cada encontro, que procurassem melhorar cada vez mais

a união com São Josemaria: era um ponto que nunca deixava de referir e – pelo que soube – de modo sempre convincente. Tinha consciência de que nesses momentos estava a fazer às vezes do Padre, guiava todos e cada um por caminhos de maior entrega, com fidelidade radical ao espírito recebido do Senhor.

Foi unânime o comentário de todos os homens do Opus Dei que receberam assistência espiritual de D. Álvaro: viam São Josemaria por trás de cada palavra desse seu irmão, de modo especial pelo afeto e a proximidade com que os sabia acompanhar.

3. Fidelidade plena ao espírito do Opus Dei

Desde os começos do Opus Dei, o Fundador viu, com absoluta clareza, a necessidade de proceder com ordem e com mentalidade teológica e jurídica na organização da Obra de

Deus, de acordo com a luz recebida do Senhor. Nos primeiros anos, durante mais de uma década, encarregou-se pessoalmente também do trabalho material, para ensinar os fiéis da Obra – de modo prático – como se podia procurar a santidade na vida corrente. Ao mesmo tempo, ocupava-se em transmitir as características básicas do Opus Dei em reuniões ou aulas, e em conversas individuais. Servia-se também da colaboração de alguns – em primeiro lugar de Álvaro – para datilografar os documentos fundacionais que preparava. Anos mais tarde, São Josemaria encarregou Álvaro de anotar as *Instruções* e outros documentos do Fundador. Este critério operativo, integrado com comentários e glosas para quem o ajudava, mostrou-se muito útil para dar melhor conta da profundidade com que assimilavam o espírito da Obra e como procuravam pô-lo em prática.

Perante esta clara manifestação de confiança, todos procuravam corresponder com a máxima generosidade. São Josemaria percebeu, rapidamente, que Álvaro mostrava – com a atenção que prestava e com os fatos – uma plena disponibilidade sempre acompanhada de correção e de alegria; e quando se lhe pedia um parecer, as suas opiniões caracterizavam-se por uma grande prudência e um fino e agudo critério de governo, unidos a uma extraordinária percepção dos modos de ser de cada um. Nas sessões de trabalho, era patente também a delicadeza com que Álvaro seguia as explicações do Fundador, as fazia suas, e se empenhava em pô-las em prática.

Durante os meses da guerra civil, enquanto o Fundador esteve refugiado numa sede diplomática, com vários fiéis da Obra (entre os

quais, Álvaro), e posteriormente quando este seu filho conseguiu reunir-se com ele em Burgos, fugindo da zona onde a Igreja era perseguida, em outubro de 1938, São Josemaria teve ocasião de conviver com ele mais de perto. Podiam conversar pelas ruas de Burgos, durante o tempo em que Álvaro permaneceu nas proximidades desta cidade castelhana, enquanto frequentava os cursos de alferes provisório, e nas visitas de São Josemaria a Cigales, o lugar para onde Álvaro foi destinado pelo exército nos primeiros meses de 1939.

Conservam-se algumas cartas do Fundador nas que utiliza o designativo "*saxum*" referido a Álvaro: «Saxum! Confio na fortaleza da minha rocha» escrevia a 13 de fevereiro de 1939. E no mês seguinte, com data de 23 de março: «Jesus, te me guarde, *Saxum*. E é certo que o és. Vejo que o Senhor te dá fortaleza,

e torna operativa a minha palavra:
saxum! Agradece-Lhe e sé-Lhe fiel». Mais à frente, a 18 de maio do mesmo ano, volta a insistir: «Saxum!: que maduro vejo o caminho – longo – que tens a percorrer! Maduro e farto como campo sazonado. Bendita fecundidade de apóstolo, mais formosa que todas as formosuras da terra! Saxum!». Finalmente, de Burjasot (Valência) a 6 de junho, lhe repetiu: «Saxum! Muito esperam de ti o teu Pai do Céu (Deus) e o teu Pai da terra e do Céu (eu)»[13], fazendo referência à filiação espiritual dos fiéis da Obra, em ordem ao Fundador.

A escolha do designativo "*saxum*", rocha, revela que São Josemaria nos finais da década dos anos trinta, considerava que este homem lhe serviria de forte apoio, dando-lhe uma colaboração firme na tarefa de consolidar e desenvolver o Opus Dei.

Também no arquivo histórico da Prelazia – e é uma manifestação notória da sua lealdade - conserva-se um guia manuscrito duma meditação pregada por São Josemaria em Cigales, a pequena povoação onde se encontravam destinados militarmente Álvaro del Portillo e outro fiel do Opus Dei, Vicente Rodriguez Casado. Está datado de 10 de fevereiro de 1939, véspera de Nossa Senhora de Lourdes, e é o documento mais antigo em que aparece este termo. O primeiro ponto do guia diz: «Tu es Petrus,...saxum – és pedra,...rocha!. E o és porque Deus quer. Apesar dos inimigos que nos cercam,... apesar de ti...e de mim...e tudo o que se opusesse. Rocha, fundamento, apoio, fortaleza,... paternidade!»[14] À luz das cartas citadas, não há dúvida que se referia principalmente a Álvaro, ainda que em todos os seus filhos se apoiasse com toda a confiança.

É particularmente significativo um documento em que Álvaro descreve o comportamento de uma pessoa autenticamente responsável quando é preciso tomar uma decisão e se encontra com a dificuldade de não poder comunicar com quem dirige uma atividade importante. O apontamento foi redigido muito provavelmente nos fins de 1939, quando já tinha ficado dispensado das suas obrigações militares que se tinham prolongado durante alguns meses depois de terminar a guerra civil. Nesta nota que ocupa duas folhas escritas por ambos os lados, Álvaro, a pedido de São Josemaria, transmite laconicamente a sua experiência recorrendo à linguagem militar que era, então, muito familiar a todos. Serve-se da figura do "enlace", a pessoa que atua como intermediário entre o comando e os subordinados – para descrever como se decide segundo a mente dos superiores quando se torna

impossível receber as ordens diretamente. Álvaro propõe uma reflexão ascética, aplicando a linguagem militar ao plano sobrenatural, já que a vida cristã – como ensina a Sagrada Escritura – é uma milícia de paz (cf. *Job*7,1) que leva o cristão a lutar sem cansaço contra tudo o que o possa afastar de Deus. Entre outras considerações, escreve: *se realmente cumprimos as Normas [o plano de vida espiritual e ascético], se lemos o Evangelho procurando vivê-lo com intensidade, transformando-nos em atores das suas cenas, se rezamos o Rosário de igual modo, se conseguimos, à custa de toda a luta que for preciso, uma habitual presença de Deus, então nós, que formamos um só corpo com Cristo, vamos assemelhando-nos mais e mais a Ele.*[15] Nestas breves considerações fala também de unidade e de obediência para com o superior no trabalho apostólico, para conhecer bem o seu espírito e

identificar-se com quem governa; e detém-se a ponderar a ação do Espírito Santo na alma, a Comunhão dos santos e a perseverança perante os obstáculos.

Terminado o período bélico, o regimento a que Álvaro pertencia foi deslocado para Olot, na Catalunha, e lá permaneceu até ao dia 18 de julho, data em que ficou livre dos seus deveres militares e pode regressar a Madri, onde retomou rapidamente o seu trabalho de Agente Técnico de obras públicas. Nessa época escreveu a um amigo, cheio de alegria: *hoje chego à casa proveniente de Olot.*

Venho, por fim! Destinado a Madri. E podes imaginar o que para mim significa este regresso ao ambiente familiar, é como a liquidação definitiva da guerra. Até agora, não tinha ainda terminado para mim[16].

Durante os meses anteriores, longe fisicamente de São Josemaria, tinha

feito várias viagens para estar com o Fundador do Opus Dei, conversar com ele pessoalmente e assistir a algum recolhimento espiritual. Além de ir sete vezes a Burgos, conseguiu duas licenças militares para se deslocar a Valência e a Vitória, superando as enormes dificuldades do trajeto pela falta de estradas e meios de transporte adequados. Além disso, ao longo dessas semanas escreveu quase diariamente a São Josemaria, a outros membros do Opus Dei e a vários amigos: são cartas cheias de otimismo sobrenatural e de simpatia, em que ressalta o desejo de cuidar com fidelidade a sua vida cristã e de melhorar a situação moral à sua volta.

Durante uma destas suas viagens com autorização militar, ao regressar a Olot, enviou a seguinte carta ao Fundador da Obra: *creio que tudo irá sempre muito bem. E mais ainda com*

o que me disse acerca da obrigação que há de puxar agora muito especialmente. É o que queremos os dois – refere-se ao Senhor e si próprio – e eu aspiro a que, apesar de tudo, possa ter confiança naquele que, mais que rocha, é barro sem nenhuma consistência. Mas, o Senhor é tão bom![17]

Como se deduz de todos estes fatos, São Josemaria percebeu – de modos muito diferentes – que o Senhor tinha posto Álvaro a seu lado com tanta proximidade porque reunia condições especiais para o trabalho de governo e para a atenção espiritual e apostólica dos outros. Naqueles anos, o Fundador sabia bem que era o único responsável perante Deus do crescimento da Opus Dei tal como o viu no dia 2 de outubro de 1928, e era consciente de que daria conta do cumprimento deste dever, ainda que sem prescindir da iniciativa dos seus

filhos sobre os modos de levar à prática os seus ensinamentos.

Não duvido em afirmar que, tanto nos começos do seu caminhar no Opus Dei, como no fim da sua vida, Álvaro foi plenamente consciente da grande importância – do peso significativo – que implicava a aventura divina e humana de levar a cabo a vontade de Deus apoiando São Josemaria. Não se deixou abater por aquele esplêndido panorama superior às forças de qualquer um, também da pessoa mais dotada de qualidades, e reagiu do modo descrito no Deuteronômio: *o mandamento que hoje te prescrevo, não é impossível para ti nem está fora do teu alcance. Não está no céu, para se dizer: ‘Quem subirá por nós até ao céu e no-lo irá buscar para o escutarmos e praticarmos? Não está tão pouco do outro lado do mar, para se dizer: ‘Quem atravessará o mar e no-lo irá buscar para o escutarmos e*

praticarmos? A Lei está muito perto de ti, na tua boca e no teu coração, para a praticares.» (Dt 30, 11-14).

Tinha sido testemunha da generosa fidelidade de São Josemaria e – movido pela graça – seguiu essas pegadas dia a dia, com uma luta quotidiana igualmente generosa.

Álvaro não perdia a oportunidade de ouvir, de meditar o que ouvia, de considerar na oração os conselhos e ensinamentos recebidos, e não evitava a carga quando São Josemaria lhe indicava que se ocupasse das diversas tarefas. Por esta razão, já nos finais de 1939, uma vez em Madri, o Fundador nomeou-o Secretário Geral do Opus Dei: o seu mais imediato colaborador. Os outros fiéis da Obra compreenderam imediatamente que o interessado não assumia o cargo como uma distinção pessoal, e menos ainda como uma *promoção*. Pelo contrário, deram conta, ainda melhor, do seu

desejo de crescer na vida interior, de trabalhar com sentido profissional nas diferentes tarefas ou competências que enfrentaria, de servir todos em qualquer circunstância ou momento em que dele necessitassem. É certo que tinha um bom mestre no Fundador do Opus Dei que diariamente lhe dava – com a sua conduta – o exemplo duma entrega generosa, procurando a heroicidade na correspondência à graça divina, quer nas ocupações importantes quer nos afazeres quotidianos.

D. Álvaro foi sempre, e concretamente desde que recebeu esta nomeação, um apoio muito sólido para São Josemaria. Desde então, «nas suas relações com o Fundador levou ao extremo a veneração e o respeito, mostrando sempre a máxima disponibilidade e generosidade pondo as suas qualidades ao serviço da missão

recebida. Soube acompanhá-lo em todas as suas provações e nas numerosas tribulações que teve que enfrentar. A sua fortaleza, a sua prudência e a sua prontidão em obedecer foram para o Padre [para o Fundador] um ponto de apoio que nunca fragilizou. Aludindo a D. Álvaro de modo implícito, mas evidente para quem o ouvia, São Josemaria disse uma vez "nunca faltaram de modo providencial e constante, irmãos vossos que – mais que meus filhos – foram para mim como um pai quando tive necessidade do consolo e da fortaleza dum pai".[18]

Talvez também por estes motivos, passados já muitos anos, São Josemaria recordava de vez em quando, que não tinha escolhido D. Álvaro para que trabalhasse a seu lado, mas que Deus é que o tinha colocado perto de si. Acresentava que a fidelidade deste homem, tão

continua ao longo dos anos, constituía uma «permanência que seria obra do Espírito Santo»[20]

Acabo esta exposição sobre a fidelidade de D. Álvaro ao Fundador do Opus Dei, como manifestação da sua fidelidade à Vontade de Deus, com dois acontecimentos muito expressivos referidos por testemunhos presenciais.

Em 1950, D. Álvaro sofreu um ataque de apendicite aguda com dores muito fortes e risco de vida, pelo que foi necessária uma operação cirúrgica urgente. Era o dia 26 de fevereiro. Tanto pela técnica então usada, como pela duração da cirurgia – que se complicou mais que o previsto – , os médicos decidiram aumentar a dose de anestesia; e por este motivo, o despertar pós-operatório foi mais lento que o habitual. Nestas circunstâncias aconteceu um episódio, narrado por Encarnación

Ortega[21], que eu próprio ouvi, em várias ocasiões, dos lábios de São Josemaria.

Quando já D. Álvaro estava no quarto, aproximou-se um dos médicos para controlar o desenrolar do pós-operatório. Ficou surpreendido quando viu que ninguém conseguia despertá-lo e começou a preocupar-se porque se estavam utilizando todos os meios possíveis, sem êxito. Estando nesta situação, o Fundador do Opus Dei chegou à Clínica e referiram-lhe a situação, eventualmente crítica. São Josemaria aproximou-se da cabeceira da cama, e com grande calma, sussurrou-lhe afetuosamente: "Álvaro!" A resposta do doente foi imediata: "Padre!". E assim começou o despertar que até àquele momento não parecia iminente. São Josemaria concluiu com naturalidade, como se se tratasse de coisa habitual, com

este comentário: "Este filho até dormindo me obedece"

A relação completa-se com um episódio referido por Joan Masià, que sublinha o risco daquela operação. «Algum tempo depois da intervenção cirúrgica – lê-se no seu testemunho – o nosso Padre pediu-me para acompanhá-lo numa visita ao doente. No quarto estávamos só os três e D. Álvaro ainda estava delirando (...) não fazia senão repetir esta frase: "Eu quero trabalhar junto do Padre, com todas as minhas forças, até ao fim da minha vida". Como só dizia estas palavras, uma e outra vez, o nosso Padre e eu, muito emocionados, quase com lágrimas nos olhos, tivemos que sair do quarto»[22]

A fidelidade de D. Álvaro manifestou-se, de modo especial, no modo como levou a cabo o itinerário jurídico da Obra com a sua ereção como Prelazia

pessoal em 1982. Desta maneira, a forma jurídica definitiva assegurava que o carisma que São Josemaria recebeu no dia 2 de outubro de 1928 não se desvirtuasse, fortalecendo a unidade de espírito, de regime e de jurisdição, desta porção do Povo de Deus composta por cristãos correntes, leigos e sacerdotes.

É comovedora a coincidência – segundo o meu parecer corresponde a uma disposição da divina providência – de que, na última carta pastoral deste Bispo exemplar enviada aos fiéis do Opus Dei para que nós o acompanhássemos espiritualmente com motivo do seu octogésimo aniversário, poucos dias antes do seu inesperado falecimento, D. Álvaro escrevesse: *neste aniversário tão significativo para mim, e ao fazer cinquenta anos de sacerdote no próximo mês de junho, a melhor prenda que me podeis dar, minhas filhas e filhos, é uma*

renovação profunda do desejo de fidelidade proselitista que a todos nos anima[23]

4. Fidelidade à Igreja e ao Romano Pontífice

A fidelidade à vocação cristã, em toda a sua integridade, não é virtude que afete só a alguns, pois diz respeito a todos, já que, a cada batizado, o Senhor concede a graça necessária para vivê-la na sua existência quotidiana. Assim recordava o Papa Francisco numa das suas primeiras homilias, depois de ter sido eleito Romano Pontífice.

"O Senhor chama-nos, em cada dia, para O seguirmos com valentia e fidelidade, concedeu-nos o grande dom de nos escolher como seus discípulos, convida-nos a proclamar com alegria o Ressuscitado, mas pede-nos que o façamos com a palavra e o testemunho da nossa vida quotidiana". E acrescentava o

Santo Padre: "Isto tem uma consequência na nossa vida: despojarmo-nos de tantos ídolos, pequenos ou grandes, que acalentamos e nos quais nos refugiamos, nos quais procuramos e tantas vezes pomos a nossa segurança. São ídolos que frequentemente mantemos bem escondidos: podem ser a ambição, o *carreirismo*, o gosto do êxito, pôr-se no centro de si mesmo, a tendência de estar por cima dos outros, a pretensão de sermos os únicos amos da nossa vida, um pecado a que estamos apegados, e muitos outros.

"Esta tarde quereria que ressoasse uma pergunta no coração de cada um, e que lhe respondêssemos com sinceridade: Já pensei no ídolo oculto que tenho na minha vida e que me impede de adorar o Senhor? Adorar é despojar-se dos nossos ídolos, também dos mais escondidos, e

escolher o Senhor como centro, como via mestra da nossa vida "[24]

Não tenho dúvida de que a biografia espiritual de D. Álvaro, *servo bom e fiel* (*Lc19, 17*), constitui um exemplo que todos podemos imitar. A nossa máxima aspiração como cristãos é servir a Igreja, o Romano Pontífice e todas as almas, como nos ensina o Evangelho. Esta foi a linha de conduta de D. Álvaro, que lutou com paz e alegria, com constância, para levar à prática o espírito que São Josemaria lhe tinha transmitido. Desde o momento em que o fez seu, viveu e ensinou a viver a chamada universal à santidade. Esta foi a trajetória da sua fidelidade, primeiro como jovem, depois como membro do Opus Dei, marcada por uma união fortíssima a São Josemaria e ao seu espírito, durante os anos passados a seu lado e, mais tarde, durante os anos em que dirigiu o Opus Dei com o seu serviço pastoral.

A sua lealdade cristã e humana para com a Igreja e o Papa foi *in crescendo* e manifestou-se de modo ainda mais evidente desde que passou a viver definitivamente em Roma em 1946, até ao seu falecimento em 1994. Não me detenho – volto a repetir – em aspectos já amplamente referidos nas biografias publicadas: a sua colaboração em vários Dicastérios da Cúria Romana durante os pontificados de Pio XII, de João XXIII, de Paulo VI, de João Paulo I e de João Paulo II, o seu trabalho nos preparativos do Concílio Vaticano II e na evolução desta Assembleia como Secretário duma das Comissões conciliares, o seu papel na revisão do Código de Direito Canônico promulgado em 1983, etc. Vou aludir apenas a alguns momentos de que fui testemunha ocular durante o pontificado do Beato João Paulo II, com quem D. Álvaro teve um trato de muita intimidade e carinho filial durante muitos anos.

Já desde os primeiros meses de quando foi eleito o novo Papa, em 1978, se estabeleceu uma relação próxima e frequente entre João Paulo II e D. Álvaro. Foi uma colaboração muito ampla, de pequenos encargos e de programas de maior importância, pois D. Álvaro, com visão de fé, descobria a vontade de Deus em cada petição ou sugestão do Santo Padre, como sempre tinha feito com os precedentes sucessores de Pedro. Nas primeiras semanas daquela nova etapa da Igreja, apoiou o Papa quando planejava ordenar Arcebispo o seu sucessor em Cracóvia, no altar da Confissão da Basílica de São Pedro. O projeto não tinha sido recebido com calor em alguns ambientes da Cúria Romana, por temor a não encher a Basílica. Um eclesiástico sugeriu então ao Santo Padre que se dirigisse a D. Álvaro para conseguir a participação de grande número de pessoas. D. Álvaro conseguiu mobilizar muitos

romanos por meio dos membros e cooperadores da Obra residentes nesta cidade: com o seu apostolado pessoal contribuíram decisivamente para o êxito da celebração com grande assistência de pessoas. O Santo Padre agradeceu este gesto e mencionou o Opus Dei ao terminar a cerimônia.

Situação semelhante aconteceu com o anseio do Papa de restaurar as procissões eucarísticas do *Corpus Christi* pelas ruas de Roma, o que não acontecia desde havia muito tempo. Contribuiu igualmente para a realização de outro desejo apostólico de João Paulo II: começar um costume muito do agrado do Pontífice, que ele iniciara quando era Arcebispo de Cracóvia. Tratava-se da celebração duma Missa para universitários no Advento e na Quaresma, como preparação para o Natal e para a Páscoa, também com a assistência do corpo docente. Não era

um costume *romano*, mas o Papa comunicou o seu desejo a D. Álvaro e pediu-lhe sugestões. Como fiel sacerdote, D. Álvaro acolheu imediatamente com alegria esta proposta, sugerindo a oportunidade de imprimir convites pessoais para serem distribuídos entre os estudantes. Lembrou que podia ser uma ocasião magnífica para aproximar os jovens do Sacramento da Penitência, e propôs que na Basílica de São Pedro estivessem muitos sacerdotes seculares, entre eles alguns dos incardinados no Opus Dei que moravam na Urbe, disponíveis para as confissões desde horas antes do começo da Celebração Eucarística. O Cardeal Martinez Somalo, que era então Substituto da Secretaria de Estado, refere que «a resposta dos estudantes foi entusiástica: e desde então foi sempre assim. Contactados um a um, muitos participaram naquela Missa. Depois, os sacerdotes presentes

comentavam, surpreendidos, o elevado número de confissões, graças à Celebração Litúrgica do Papa»[25]

Outro capítulo poderia ser o das viagens pastorais do Pontífice. Em 1979, João Paulo II perguntou a D. Álvaro o parecer sobre a oportunidade de deslocar-se ao México, para presidir à Conferência do Episcopado Latino-americano em Puebla. D. Álvaro respondeu que pensava que seria um grande bem para a Igreja, apesar de algumas previsões pessimistas. Antes de outras viagens do Papa pelo mundo, recordava aos fiéis e aos cooperadores da Prelazia que demonstrassem o seu amor filial ao Santo Padre de todos os modos possíveis, e que contagiassem esse amor aos seus amigos, parentes e conhecidos, através do apostolado pessoal. Este apoio acompanhou o Papa a todas as partes, e foi especialmente decisivo nalgumas

viagens pastorais em que se previa a existência de um ambiente frio, e mesmo hostil, perante a visita do Vigário de Cristo.

Também em projetos de maior envergadura, D. Álvaro se mostrou muito sensível aos desejos do Papa, inserindo-os nos planos pastorais da Prelazia. Um exemplo muito claro é o começo do trabalho apostólico da Obra nos países do norte e do leste da Europa.

Um dos *sonhos* apostólicos de D. Álvaro era que o Opus Dei pudesse trabalhar na China continental para colaborar na semementeira da luz de Cristo naquele imenso país. Esta aspiração começou a realizar-se, pelo menos parcialmente, em fins de 1980, quando erigiu o primeiro centro da Obra em Hong Kong, e dois anos depois, ao promover o trabalho noutra importante encruzilhada do extremo oriente: Cingapura. Em

dezembro de 1982, D. Álvaro informou João Paulo II dos passos que o Opus Dei estava a dar na Ásia e mencionou o seu desejo de chegar, quanto antes, à China continental. O Papa respondeu que apreciava este desejo, mas que o preocupava mais a situação das nações escandinavas, muito afastadas da fé cristã. Ao ouvir estas palavras, o Prelado entendeu que seria mais agradável a Deus mudar o rumo dos seus projetos e que era preciso chegar, quanto antes, aos países do norte da Europa.

Efetivamente, na carta de felicitações de Natal enviada aos seus filhos poucos dias depois, D. Álvaro escreveu: *agora queria insistir em que rezeis pela extensão apostólica da Obra, preparando com as vossas orações e os vossos sacrifícios, com a vossa entrega alegre e generosa, o trabalho nas frias regiões do norte da Europa: os países escandinavos*[27].

João Paulo II guardava na sua alma o anseio da nova evangelização, e em 1985 deu um forte impulso a esta prioridade pastoral, sobretudo nos países da Europa ocidental e da América do norte, onde os sintomas de secularismo iam crescendo de modo alarmante. Uma data simbólica é o dia 11 de outubro desse ano, quando o Santo Padre encerrou um Simpósio de Bispos europeus, realizado em Roma, convidando a Igreja para um renovado impulso missionário. D. Álvaro imediatamente apoiou este projeto apostólico e, com data de 25 de dezembro do mesmo ano, escreveu uma Carta Pastoral aos fiéis da Prelazia, impulsionando-os a colaborar com todas as forças nesta tarefa, sobretudo nos países da *velha Europa*. A partir de então redobrou o seu esforço pessoal neste sector, com viagens frequentes às diferentes circunscrições da Europa. Os anos de 1987 a 1990 caracterizaram-se pela

extensão deste empenho a outros continentes: Ásia e Oceania, América do Norte e finalmente África.

Noutros momentos, impulsionado pelo seu zelo de apoiar com fidelidade outras intenções do Papa, pôs em movimento algumas iniciativas apostólicas de profunda importância para a vida da Igreja universal e das Igrejas particulares, já que estavam orientadas para a formação de sacerdotes e de candidatos ao sacerdócio em diversos países. Entre as primeiras, é de destacar o incremento das Faculdades eclesiásticas da Universidade de Navarra e a criação do Centro Académico Romano da Santa Cruz que, em poucos anos, se viria a converter na atuar Universidade pontifícia. Como é patente, foi necessário superar muitos obstáculos para ver estes projetos realizados, mas o seu empenho não diminuiu porque sabia

que correspondiam aos planos do Santo Padre no anseio bem compreensível de dar Jesus Cristo a conhecer, tal como tinha referido nas Encíclicas *Redemptor hominis* e *Redemptoris missio*.

Para a formação de candidatos ao sacerdócio, acolhendo outra sugestão expressada pelo Romano Pontífice, fundou dois Seminários internacionais com o objetivo de preparar para o sacerdócio seminaristas enviados pelos seus respectivos Bispos: O Colégio Internacional "Bidasoa" (em Pamplona) e o "Sedes Sapientiæ" (em Roma), erigidos respectivamente em 1988 e 1991, à sombra da Universidade de Navarra e da Pontifícia Universidade da Santa Cruz. Para facilitar aos alunos um alojamento condigno, conseguiu que muitas pessoas colaborassem com a sua oração e as suas esmolas para a construção ou remodelação dos

edifícios necessários, tanto em Roma como em Pamplona.

Não é necessário sublinhar que a realização destes projetos exigia somas de dinheiro que não possuía: não só para a construção e manutenção dos edifícios, como também para conseguir um grande número de bolsas de estudo destinadas aos estudantes procedentes de Dioceses de poucos recursos econômicos.

Os frutos espirituais destas últimas iniciativas apostólicas e de muitas outras foram e continuam a ser grandes, são uma prova de como o Senhor ajuda sempre as obras apostólicas que se empreendem para servi-lo. D. Álvaro enchia-se de contentamento ao contemplar como, ano após ano, aumentava o número de seminaristas e sacerdotes de diferentes Dioceses nestes Centros acadêmicos. Basta referir alguns

números fornecidos pela Fundação CARF, cujo único objetivo é canalizar as ajudas econômicas para estes instrumentos. De acordo com os dados difundidos em 2011, desde os seus começos em 1989 cursaram estudos eclesiásticos na Universidade Pontifícia da Santa Cruz, em Roma ou na Universidade de Navarra, mais de 11.000 alunos de 109 países – seminaristas, sacerdotes, religiosos e religiosas, professores de religião, catequistas, etc. –, dos quais à volta de 2.500 receberam bolsas de estudo, e mais de 1.700 chegaram ao sacerdócio. Só nos Seminários Internacionais "Bidasoa" (de Pamplona) e "Sedes Sapientiæ" (de Roma), até essa data, 776 seminaristas tinham recebido a ordenação sacerdotal [28].

Antes de terminar esta intervenção, certamente insuficiente para refletir a fidelidade exemplar a Deus e à Igreja do primeiro sucessor de São

Josemaria e primeiro Prelado do Opus Dei, desejo recordar como o Beato João Paulo II valorizava esta fidelidade. Teve ampla ressonância nos meios de comunicação o fato de que, poucas horas depois do falecimento do meu predecessor, o Papa fosse rezar perante os seus restos mortais no velório preparado na Igreja prelatícia de Santa Maria da Paz. Quando lhe agradeci aqueles momentos entre nós, que tanta consolação e alegria nos deram a todos, João Paulo II respondeu-me: "*era cosa dovuta, era cosa dovuta*" (era um dever).

Não duvido de que era, da parte do Papa, o reconhecimento paterno e explícito da fidelidade de D. Álvaro ao Sucessor de Pedro e à sua missão de Supremo Pastor. Já o tinha manifestado por ocasião do 80.^º aniversário natalício de D. Álvaro, no dia 11 de março, enviando-lhe uma sua fotografia acompanhada de um

manuscrito com a sua bênção autografada. Depois de referir o seu "apreço pelo trabalho fiel que realizou em serviço da Igreja", invocava para D. Álvaro "abundantes graças celestiais para um ministério ainda longo e fecundo de frutos", enquanto lhe outorgava "de coração uma especial bênção apostólica, que amplio com afeto a todos os sacerdotes e leigos da Prelazia do Opus Dei" [29]

Poucas horas mais tarde, numa tertúlia com os seus filhos de Roma, D. Álvaro comentava com a sua habitual simplicidade: *é um presente que me comoveu porque não a esperava, foi uma boa surpresa.* [30]

No mesmo dia do falecimento de D. Álvaro, além da visita já mencionada aos seus restos mortais, João Paulo II enviou-me - como Vigário Geral do Opus Dei - um telegrama em que exprimia estes sentimentos e enviava

a todos os fiéis da Obra, leigos e sacerdotes, os seus mais sentidos pêsames, ao mesmo tempo que recordava "com agradecimento ao Senhor a vida plena de zelo sacerdotal e episcopal do defunto, o exemplo de fortaleza e de confiança na Providência divina que deu constantemente, assim como a sua fidelidade à Sé de Pedro e o generoso serviço eclesial como íntimo colaborador e benemérito sucessor do Beato Josemaria Escrivá" e assegurava "fervorosas orações de sufrágio para que [o Senhor] acolha no gozo eterno este servidor bom e fiel"[31].

Pouco tempo depois, chegou às mãos de João Paulo II um postal que D. Álvaro lhe tinha escrito uns dias antes de Jerusalém. Dirigindo-se ao então secretário pessoal do Papa, D. Stanislaw Dziwisz, rogava-lhe que apresentasse "*ao Santo Padre o nosso desejo de ser fideles usque ad*

mortem, em serviço da Santa Igreja e do Santo Padre"[32]

Parece-me muito adequada esta última recordação para concluir as minhas palavras que quiseram enquadrar, de modo necessariamente incompleto e fragmentário, uma das características essenciais de D. Álvaro del Portillo, Bispo e Prelado do Opus Dei, fundador e primeiro Grão-Chanceler desta Universidade: a sua fidelidade a Deus, à Igreja, ao Romano Pontífice, a São Josemaria, e ao espírito do Opus Dei. Peço-lhe que, com a sua intercessão, também nós percorramos até ao fim o seu mesmo caminho.

Muito obrigado!

D. Javier Echevarría

Prelado do Opus Dei

[1] Cf. São Tomás de Aquino,
Exposição do Símbolo dos Apóstolos,
art. 4

[2] Congregação das Causas dos
Santos, *Decreto sobre as virtudes do
servo de Deus Álvaro del Portillo*,
28-6-2012.

[3] São Josemaria, Carta a D.
Florencio Sánchez-Bella, então
Vigário Regional do Opus Dei em
Espanha, 1-5-1962: AGP, série A.3.4,
leg. 277, carp.2, carta 620501-1.

[4] São Josemaria, Notas de uma
reunião familiar, 11-3-1973: AGP,
biblioteca, P01 1973, p.217.

[5] São Josemaria, Notas de uma
reunião familiar, 19-2-1974: AGP,
biblioteca, P01 1974, p. 226.

[6] Omelia nella Messa in suffragio
di Álvaro del Portillo, 25-3-1994
("Romana" 10 [1994] 30-31).

[7] Álvaro del Portillo, homilia na primeira Missa depois da ordenação episcopal, 7-1-1991: AGP, biblioteca, P01 1991, p. 50

[8] Beato João Paulo II, homilia na Catedral metropolitana de México D. F., 26-1-1979

[9] Cfr. Salvador Bernal, *Recuerdo de Álvaro del Portillo, prelado del Opus Dei*, Madri, Rialp 1996 (traduzida para os principais idiomas); Hugo de Azevedo, *Missão cumprida: biografia de Álvaro del Portillo*, Lisboa, Diel 2008 (traduzida para castelhano e para italiano); Javier Medina, *Álvaro del Portillo, Un hombre fiel*, Madri, Rialp 2012 (em tradução para várias línguas); Francesc Castells, verbete "Portillo y Diez de Sollano, Álvaro", in *Diccionario de san Josemaría Escrivá de Balaguer* (ed. José Luís Illanes), Burgos, Monte Carmelo 2013, 984-989.

[10] Álvaro del Portillo, Notas de uma reunião familiar, 22-2-1988.

[11] São Josemaria, *Caminho*, n. 994

[12] Bento XVI, Discurso na audiência geral, 24-5-2006

[13] Cartas de São Josemaria a D. Álvaro nas datas indicadas: AGP, serie A.3.4, leg 256, carp. 2; AGP, serie A.3.4., leg. 256, carp. 3; AGP, serie A.3.4. leg 256, carp 3.

[14] Cfr. Apontamento manuscrito de 10-2-1939: AGP, biblioteca, P01, 1994, pp.214-215.

[15] Álvaro del Portillo, Nota sobre a eficácia apostólica da Obra (provavelmente de 1939): AGP, APD, D-10154, pp. 2-3

[16] Álvaro del Portillo, Carta a Miguel Sotomayor y Muro: AGP, APD, C-390728.

[17] Álvaro del Portillo, Carta a São Josemaria: AGP, APD, C-390712

[18] "Perfil cronológico-espiritual do Servo de Deus Álvaro del Portillo, Bispo e Prelado do Opus Dei", preparado no Departamento das Causas dos Santos da Prelazia, Roma 2002, p. 65

[19] São Josemaria, Notas de uma reunião familiar no México, 21-5-1970: AGP, biblioteca, P01 III-1972, p. 46

[20] Álvaro del Portillo, Notas de uma reunião familiar, 11-3-1984: AGP, biblioteca, P01 1984, p. 244.

[21] Cfr. Recuerdos de Encarnación Ortega sobre São Josemaria: AGP, série A.5, leg. 234, carp. 2.

[22] Testemunho de Joan Masià Mas-Bagaà, AGP, APD, T-0503, p.3

[23] Álvaro del Portillo, Carta, 1-3-1994: AGP, biblioteca, P17, vol. III, p. 290

[24] Papa Francisco, Homilia no III Domingo da Páscoa, 14-3-2013

[25] Testemunho d Cardeal Eduardo Martinez Somalo: AGP, APD, T-19518, p. 3

[26] Álvaro del Portillo, Carta de Natal de 1982: AGP, biblioteca, P17, vol.I, n. 65

[27] Álvaro del Portillo, Apontamentos de uma reunião familiar, 1-1-1983.

[28] Dados relatados por Javier Medina, *Álvaro del Portillo. Un hombre fiel*, Madri, Rialp 2012, pp. 547-548

[29] João Paulo II, Dedicatória manuscrita numa fotografia, 11-3-1994.

[30] Notas de uma reunião familiar, 11-III-1994: AGP, biblioteca, P01 1994, p. 231.

[31] João Paulo II, Telegrama a D. Javier Echevarría, 23-3-1994: AGP, APD, T-17395.

[32] Álvaro del Portillo, Postal enviado a Dom Dziwisz, datado de Jerusalém no dia 17 de março de 1994; manuscrito publicado em: AGP, biblioteca, P01 III-2004, p. 8, por ocasião do décimo aniversário do falecimento de D. Álvaro.
